

MÍDIA, EDUCAÇÃO E CIDADANIA: CONSIDERAÇÕES SOBRE A IMPORTÂNCIA DA ALFABETIZAÇÃO TECNOLÓGICA AUDIOVISUAL NA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO¹

*Isabela Ruberti
Aldo Nascimento Pontes*

“A comunicação - entendida em sua acepção mais vasta, como utilização dos mass media, como comunicação escrita, falada, cantada, recitada, visual, auditiva e figurativa - está sem dúvida, na base de todas as nossas relações intersubjetivas e constitui o verdadeiro ponto de apoio de toda a nossa atividade pensante”. (Gillo Dorfles)

Resumo: O presente artigo, a partir de três concepções sobre o papel da escola na sociedade: funcionalista, reprodutivista e dialética, das exigências sociais da Sociedade da Informação e dos temas que constantemente emergem das mídias de massa. Apresenta um olhar educacional sobre a importância da alfabetização audiovisual crítica - na escola - para a formação do cidadão globalizado.

Palavras-chave: Educação; Mídia; Cidadania

Abstract: The present article, starting from three conceptions about paper of the school in the society: functionalist, reproductive and dialectics, of the social demands of the Information Society and of the themes that constantly emerge of the mass medias. It presents an criticize/constructive glance on the importance of the critical audiovisual literacy - in the school - for the formation of the global citizen.

Key words: Education; Media; Citizenship

¹ Artigo elaborado a partir de estudos realizados na disciplina "Estudos em Educação e Tecnologias da Informação e Comunicação" do Programa de Pós-graduação em Educação da UNICAMP, realizada no 2º semestre de 2001 sob a orientação do Prof. Dr. Sérgio Amaral.

INTRODUÇÃO

Ao longo dos tempos, muitos foram os que se empenharam em compreender o papel da instituição Escola na sociedade. Aventurando-nos em uma tentativa de síntese dos resultados de algumas dessas investigações, verificamos que, segundo pensadores da educação como Durkheim, Bourdieu e Gadotti, a Escola desempenhou basicamente três papéis distintos. Inicialmente fora concebida como redentora, responsável por grandes transformações individuais e sociais, nessa concepção "representou", não mais que isso, a salvação da classe dominada das garras exploradoras da classe dominante; com o passar dos anos, dessa condição, passou a ser vista enquanto reprodutora das desigualdades sociais e da aceitação delas como uma espécie de predestinação; e por último, a Escola de hoje, que ao ser concebida como tão contraditória quanto o meio social em que está inserida, é capaz tanto de reproduzir quanto de transformar ao mesmo tempo.²

Na perspectiva transformadora, a escola que antes limitava-se a refletir/discutir temas estritamente ligados às disciplinas do currículo: matemática, português, geografia, história... Vê-se agora obrigada a abrir suas portas (salas de aula) para temas cada vez mais ligados aos interesses da comunidade, mais especificamente, de crianças, adolescentes, jovens, e por que não, adultos, alunos de nossas escolas.

“O ambiente escolar deixa de ser o lugar privilegiado, sacralizado de acesso à informação e ao conhecimento e

passa a ser um espaço onde o aprendente desenvolve a capacidade de interrelacionar informações construindo e reconstruindo conhecimentos”.
(Bacegga, 1997).

Dentre os assuntos que mais instigam nossos educandos, aqueles massificados pelas mídias de massa, na maioria das vezes sensacionalismo puro com pouquíssimo interesse informacional/educacional, acabam se tornando os despertam mais a curiosidade. Um índice claro desse interesse é o fato das literaturas especializadas apontarem para o fato de que para os brasileiros a tv é muito mais importante em seus lares do que a geladeira.

Lembramo-nos nesse momento do relato de uma professora de uma escola municipal da periferia de nossa cidade (Campinas-SP): *“As crianças perguntaram para mim: “Professora, vai ter guerra?” Enquanto formulava uma resposta coerente e com uma linguagem acessível a eles, fui bombardeada por uma nova questão, dessa vez vinda de uma menina de 7 anos: “Professora, o que vai acontecer com a gente se tiver guerra?” E continua, “ainda bem que minha mãe vai levar a gente embora para Minas”.*³ Diante dessas falas nos perguntamos: Como os professores com suas excessivas horas de trabalho: 20, 30... horas/aula estão trabalhando os assuntos emergentes das mídias de massa em suas salas de aula? E a escola, com seus tradicionais problemas do dia-a-dia, como se manifesta diante destas questões?

Temos enquanto alunos do Programa de Pós-graduação em Educação na área "Educação, Ciência e Tecnologia" da Uni-

² A esse respeito, ver: Émile Durkheim, Pierre Bourdieu, Moacir Gadotti.

³ Em referência às possíveis retaliações ao Afeganistão, sede do regime Taliban chefiado por Osama Bin Laden acusado pelo atentado terrorista ao World Trade Center - Nova York - Estados Unidos, 11/09/2001.

camp nos ocupado em buscar respostas a essas questões e o que temos verificado é que tanto a Escola como os Professores, em relação a esses temas, transitam entre a total omissão até a assídua/engajada discussão/reflexão sobre esses. Por um lado, para olhos ingênuos, isso não parece tão nocivo aos nossos alunos, porém ao lançarmos um olhar mais crítico, logo compreendemos que esse fato evidencia a existência de dois tipos de escola, dois tipos de professores, dois tipos de alunos, dois tipos de educação e, conseqüentemente, a geração de dois tipos de cidadão: um que, apesar das informações nem sempre confiáveis e até mesmo desconstruídas veiculadas pelas mídias de massa, tem na escola um espaço de articulação das informações que se apropria no cotidiano e acaba aprendendo a construir uma visão mais ampla e coerente sobre os fatos, exercendo/incorporando sua pluralidade/globalização enquanto cidadão. E outro que é aviltado, limitado apenas ao acesso, e isso quando tem, às *notícias-flash*, como já nos referimos nesse texto, muitas vezes tendenciosas, veiculadas pelas mídias de massa diariamente sem nenhuma articulação entre elas, que somente se apropria de uma história que não tem começo nem fim, apenas o meio sem nenhuma ligação, nenhuma cadeia lógica.

Segundo Bacegga (1997), aqui reside o grande desafio da educação desse novo milênio, pois num momento em que as mídias de massa desempenham um papel crucial na formação dos indivíduos, a alfabetização tecnológica audiovisual desses para a sobrevivência na Sociedade da Informação torna-se indispensável.

“A tecnologia chegou para ficar. No campo da educação, o desafio maior é a busca da incorporação dessa tecnologia na dimensão sócio cultural, de tal modo que se equilibrem dois pó-

los tão distantes entre si: o cidadão do mundo e o homem degradado em seu meio, impossibilitado não de ver reconhecidos seus direitos, mas de saber que tem direitos. O cidadão da globalização, aquele que emerge do conhecimento pleno, e o homem aviltado, aquele que não come, não lê, não tem condições mínimas de usufruir os benefícios do mundo”. (Bacegga, 1997)

Nesse sentido, e considerando os significativos avanços das tecnologias de informação e comunicação, à escola de nosso tempo compete o árduo trabalho de incorporar em suas práticas e teorias uma nova forma de ensino-aprendizagem, um processo voltado para a potencialização de competências para o uso de múltiplas linguagens que convergem, além disso, a destreza para se auto-gerenciar em situações de comunicação que constroem as novas redes telemáticas multimídia.

Sobre essa necessidade, existem numerosos argumentos, altamente convincentes, que evidenciam a necessidade de alfabetizar professores para a linguagem audiovisual. Nas últimas décadas inúmeras publicações confirmam, de uma maneira rigorosa, a importância que as mensagens audiovisuais estão adquirindo na configuração da cultura e nos modelos de comportamento da sociedade atual. De fato, as imagens formam parte da escola e do mundo cotidiano e desde muito cedo invadem o imaginário infantil. Desta forma, é preciso considerar que não se deve ignorar a urgência da alfabetização tecnológica audiovisual.

“O recebimento da imagem, sobretudo via comunicação de massa, pode levar à alienação causada, por sua vez, pelo embotamento da sensibilidade e da capacidade reflexiva. A frag-

mentação dos discursos e sua proliferação conduzem à recepção acrítica do texto, que se faz objeto de consumo imediato. Ocorre, nesse sentido, uma forma de controle, pois o cidadão que se pensa livre, acha-se subordinado a uma rede de informações controladas por grupos. Mesmo que a imagem não seja virtualmente fabricada, seu uso indiscriminado é uma forma de manipulação de dados da realidade. (...) Na verdade ele pensa que controla, mas é controlado. (Walty, 2000)

A televisão é hoje em dia um membro da família e as imagens e informações que são transmitidas configuram e condicionam gradualmente as opiniões e os gostos de nossas crianças e adolescentes de uma maneira quase inconsciente. Isso justifica-se se considerarmos que segundo pesquisas realizadas, no Brasil as crianças permanecem em média 4,12 horas diárias diante da televisão, os jovens 3,01 horas, os adultos 3,27 horas (Grupo de Mídia, 1991). Diante desses dados, a pergunta que devemos fazer à escolas e aos professores é se seus alunos estão preparados para entender essa gama de imagens recebidas diariamente, definindo “entender” como a capacidade para interpretar tudo, inclusive as ideologias que ficam subjacentes, atrás de cada imagem.

(...) a família, a escola e as igrejas se burocratizam, em consonância com as determinações da economia e da política vigentes na sociedade local, regional, nacional, mundial. O que significa dizer que há uma tendência generalizada à acomodação, transferindo-se para um poder externo e invisível as decisões que determinarão a vida das pessoas e grupos humanos. Diante da sonolência das maiorias bu-

rocraticamente comportadas, o sistema de meios de informação ganha terreno livre para apresentar-se em momentos de conflitos ou de angústias coletivas como o verdadeiro e natural representante dos desejos da população, deslegitimando os esforços articulados de pessoas e organizações preocupadas com interesses coletivos. (Soares, 1996)

Atentos a esta situação e tentando uma resposta para a pergunta acima, é curioso verificarmos que a escola, com seus professores, nem sempre incorpora no seu ambiente educativo o estudo das linguagens audiovisuais de uma maneira mais sistematizada e crítica como acontece com as outras matérias. Poucas são as experiências na escola que utilizam os meios de comunicação não apenas como um mero suporte de transmissão e, quando isso acontece, são iniciativas isoladas tomadas por inquietos professores sensibilizados e interessados pela dinâmica dos meios. O desafio aqui apontado aos educadores é o de como poderemos desenvolver com os alunos, em um futuro imediato, uma leitura crítica que possa ser aplicada a linguagem audiovisual.

O tipo de trabalho convencional do professor está mudando em decorrência das transformações do mundo do trabalho, na tecnologia, nos meios de comunicação e informação, nos paradigmas do conhecimento, nas formas de exercício da cidadania, nos objetivos de formação geral que hoje incluem com mais força a sensibilidade, a criatividade, a solidariedade social, a qualidade de vida, o reconhecimento da diversidade cultural e das diferenças, a preservação do meio ambiente. (Libâneo, 1998)

Apesar dos muitos encontros e desencontros quando o assunto é a influência dos meios de comunicação nos principais setores da sociedade, em especial na educação. Para nós é certo que os meios tiveram e têm um papel relevante na construção de novas culturas educacionais. Sobre isso Lévy (2001) nos alerta:

Devemos aprender a ter confiança em nós mesmos: somos perfeitamente capazes de avançar rumo a uma sociedade de aprendizagem e de criação permanente, uma cultura na qual cada um estará continuamente atento ao aperfeiçoamento da cooperação e do serviço mútuo.

Dessa maneira pensamos que uma alfabetização tecnológica audiovisual abriria para a escola um outro caminho para exploração de novas temáticas, possibilitando o acesso a outros modelos de conhecimento e adquirindo novas dinâmicas que poderiam estreitar o seu encontro com a sociedade atual.

Partindo dos pressupostos acima fica evidente que diante dessa nova configuração do processo de ensino-aprendizagem e do grande desafio imposto, a formação do cidadão para o sobrevivência na sociedade da informação depende diretamente da qualidade da formação dos professores. Nessa perspectiva, para atender a esse novo enfoque, é necessária uma maior atenção tanto com a formação inicial dos novos educadores, quanto com a formação continuada daqueles que já estão no exercício da profissão. Pois:

Embora tenha havido uma verdadeira revolução nesse campo nos últimos vinte anos, a formação ainda deixa muito a desejar. Existe uma certa incapacidade para colocar

em prática concepções e modelos inovadores. As instituições ficam fechadas em si mesmas, ora por um academicismo excessivo ora por um empirismo tradicional.
(Nóvoa, 2001)

Sob essa ótica, para o desenvolvimento dessa outra alfabetização: tecnológica audiovisual, o investimento da escola na formação continuada em serviço de seus professores poderia dinamizar a criação de projetos que os ajudassem a descobrir as múltiplas possibilidades que a linguagem audiovisual pode oferecer para cada ciclo educativo, o que seria o caminho mais acertado para educar os alunos para o mundo das mensagens midiáticas, familiarizando-os assim com as diferentes técnicas audiovisuais. Enfim, as crianças de cada ciclo, poderiam aprender a consumir essas mensagens e o mais importante ser capazes de criar suas próprias mensagens. Por isso, seria imprescindível que o ambiente escolar, especialmente o ambiente da classe, proporcionasse uma grande variedade de materiais e de instrumentos para que as capacidades expressivas dos alunos pudessem ser despertadas, estimuladas, provocadas.

Por outro lado, a introdução de artefatos tecnológicos na sala de aula, sem uma concepção crítica/construtiva dos docentes, também não mudaria em nada a situação de passividade atual. O importante é desenvolver nos alunos competências que lhes possibilitem desconstruir as mensagens advindas dos diversos meios e a construir novas mensagens e que entendam o processo de produção de textos audiovisuais nas suas várias perspectivas: social, econômica, política, cultural ou estética. *O aluno não está mais reduzido a olhar, ouvir, copiar e prestar contas. Ele cria, modifica, constrói, aumenta e, assim, torna-se co-autor, já que o professor configura o*

conhecimento em estados potenciais. (Silva, 2000)

Em última análise, faz-se importante considerar que a dinamização de práticas que viabilizem a alfabetização tecnológica audiovisual na escola, além de um desafio, é também uma utopia. Pois que se de um lado, a sociedade da informação ora instaurada no mundo globalizado, exige um cidadão competente na articulação de informações, de um outro, o próprio modelo de acumulação de nossa sociedade perpetua antigas formas de exclusão social: Cidadãos globalizados x Cidadãos aviltados. De acordo com Castells (1999): *Na era da informação, a educação é elemento de progresso e de exclusão social.* Assim, diante da crescente força das mídias de massa e sua importância cultural, social, econômica e tecnológica em nossas sociedades a escola precisa abrir caminhos para a essa outra alfabetização (tecnológica audiovisual). Resistir a essa nova competência comunicativa só irá deixar a escola e seus alunos ainda mais hipnotizados e seduzidos pela alienação iconosférica. *A escola, ao rejeitar os meios, está reconhecendo a sua incapacidade de entender o homem de hoje (...)* (Moran, 1993). É preciso evitar essa alienação, promovendo uma urgente e sensata aproximação entre os meios e o ambiente educativo.

REFERÊNCIAS

BACEGGA, M. A. Educação e Tecnologia: diminuindo as distâncias. In: KUPSTAS, M. (Org.). **Comunicação em debate.** São Paulo, Moderna, 1997.

DIAZ BORDENAVE, J. E. **Além dos meio e mensagens:** introdução à comunicação como processo, tecnologia, sistema e ciência. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

LIBÂNEO, J.C. **Adeus professor, adeus professora?:** novas exigências educacionais e profissão docente. 4.ed. São Paulo: Cortez, 2000.

MORAN, J.M. **Leitura dos meios de comunicação.** São Paulo: Pancast, 1993.

PONTES, A.P. Alfabetização digital de educadores: uma chave para a inclusão do cidadão no mundo digital. In: SEMINÁRIO DE ACESSIBILIDADE, NOVAS TECNOLOGIAS E INCLUSÃO SOCIAL, 1., 2001, São Paulo. **Caderno de resumos.** São Paulo: Faculdade de Ciências Médicas-USP, 2001.

RUBERTI, I. Internet e Intranet en la escuela e Televisión Educativa. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE EDUCACIÓN, 1., 2000, San Miguel de Tucumán. **Anais...** San Miguel de Tucumán (Argentina) : Instituto Herman Hollerith, 2000.

SAMPAIO, M.N. ; LEITE, L.S. **Alfabetização tecnológica do professor.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

SOARES, I. de O. **Sociedade da informação ou da comunicação?.** São Paulo: Cidade Nova, 1996.

WALTY, I.L.C. et al. **Palavra e imagem:** leituras cruzadas. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SILVA, M. **Sala de aula interativa.** Rio de Janeiro: Quartet, 2000.

Isabela Ruberti

Jornalista; Mestre em Comunicação e Educação pela Universidad Autònoma de Barcelona - Espanha; Mestranda em Educação na área "Educação, Ciência e Tecnologia" pela UNICAMP
iruberti@hotmail.com

Aldo Pontes

Professor de língua portuguesa e literaturas luso-brasileira; Mestrando em Educação na área "Educação, Ciência e Tecnologia" pela UNICAMP
aldopontes@hotmail.com